

A CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR (NÃO) LEITOR E SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA ¹

Kaiza Maria Alencar de Oliveira; Maria Eridan da Silva Santos; Maria Lúcia Pessoa Sampaio

Mnda. do Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGE; Profa. Mestre DE/CAMEAM/UERN; Profa. Dra. PPGE/ DE/CAMEAM/UERN

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo aprofundar a discussão teórica sobre “A formação do professor (não) leitor e suas práticas de leitura em sala de aula considerando essa, como indispensável para a formação do aluno leitor, a pesquisa visa investigar as práticas de leituras dos professores e sua influência no processo de formação desse profissional. Enfocando, as experiências de leituras dos professores em espaços escolares e não escolares, as relações estabelecidas entre essas experiências e sua prática docente, bem como discutir a formação leitora por gosto e não por hábito, além de versar sobre algumas propostas governamentais que primam pela formação leitora do cidadão. Nessa discussão, nos respaldaremos nos estudos de Bosi (1994), Franco (2012), Martins (2007), Maia (2007), Villardi (1997), Tardif (2008), dentre outros, para fundamentar teoricamente esse trabalho. Espera-se que os setores públicos deem maiores contribuições na formação de leitores. Do que se conclui é preciso que se crie e cultive uma cultura de leitura.

Palavras-chave: Formação do leitor. Práticas de leituras. Gosto pela leitura

Algumas palavras introdutórias

Falar em formação do leitor, é remeter a uma temática de extrema importância no âmbito educacional e de grande relevância social, por isso, merece um olhar crítico, pois sabemos que a maioria dos leitores encontra-se bastante distante de uma prática crítica de leitura, limitando-se a leituras mecanizadas e preestabelecidas por Livros Didáticos (LDs) ou professores, e conseqüentemente não conseguem compreender e dar significados ao texto de forma eficiente e com autonomia.

É nesse sentido que a leitura vem se tornando prática essencial para a construção de um sujeito crítico e autônomo, capaz de exercer a sua plena cidadania. Nessa perspectiva, Órgãos Governamentais vêm discutindo e implantando Programas que visam incentivar o gosto pela leitura, ficando a maior responsabilidade por parte do professor. Esse, por sua vez, necessita buscar significados para sua prática, além de uma formação continuada, uma vez que “[...]”

¹ Este trabalho de pesquisa originou da Disciplina Epistemologia do Ensino: implicações para a Educação Básica, ofertada pelo Curso de Mestrado Acadêmico – CMAE do programa de Pós- Graduação em Ensino – PPGE, DE/UERN.

sozinho não consegue atuar. Ele precisa de condições que valorizem seus saberes, suas práticas” (FRANCO, 2012, p. 41).

Nessa direção, muitos estudos têm sido realizados em torno da formação de leitores na rede básica de ensino, porém, ainda se faz urgente repensar na formação dos profissionais da Educação Básica, vê-se, com isso, a necessidade de investir na formação de professores, sobretudo, os que atuam na alfabetização. A exemplo, temos o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC, que tem como intuito alfabetizar todas as crianças até os oito anos de idade, e com isso, fica evidente a necessidade de contribuir para que os professores se constituam profissionais leitores e para que essa prática contribua na formação de sujeitos leitores, uma vez que só é possível formar leitores, quando *se é leitor e tem uma formação que dê suporte a sua prática*. (Grifo nosso).

É importante destacar que Órgãos Governamentais têm implantado programas de incentivo a leitura, trazendo em seu viés o lema “criar hábitos de leituras”, em vez de gosto pela leitura. Contudo, esses órgãos não têm conseguido disseminar o gosto pela leitura, de forma satisfatória, conforme podemos verificar em resultados de pesquisas em todo o país, que revelam um perfil de leitor distanciado da leitura prazerosa. Pesquisa recente de Sampaio e Oliveira (2010) realizada na região do Alto Oeste Potiguar caracteriza o leitor dessa região como aquele que ler por compromisso para atender exigências escolares. Isso demonstra que as políticas públicas não têm conseguido disseminar o gosto pela leitura, o que sugere repensar na formação desses leitores.

Nesse contexto, algo tornar-se extremamente preocupante, o fato de muitos professores demonstrarem o não gosto pela leitura. Nesse caso, é preciso nos voltar para a formação desses profissionais da Educação Básica, em especial àqueles que lecionam do 1º ao 3º ano que tem, por exigência dos órgãos governamentais, a tarefa de iniciar essa formação leitora, como vemos atualmente no PNAIC, que entrou em vigor no ano de 2013 com intuito de alfabetizar as crianças até aos oito anos de idade. Citamos a alfabetização aqui por acreditar ser ela a mola precursora da formação do sujeito e o passo inicial para formar leitores, uma vez que é preciso ensinar antes a ler a palavra para, em seguida, incentivar o gosto pela leitura.

Nesse sentido, é que acreditamos que a formação de leitores perpassa, diretamente, pela formação de professores leitores e, sob esse viés, torna-se essencial discutir sobre a formação de leitores, sobretudo os profissionais da Educação Básica.

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade – PNAIC foi lançado em 2013 pelo Governo Federal em parceria com o Distrito Federal, Estados e Municípios, todos com um objetivo comum, “alfabetizar todas as crianças até aos oito anos de idade”. Por esse viés, adotou-se com um dos princípios do PNAIC que as atividades pedagógicas desenvolvidas ao longo do processo priorizassem:

O desenvolvimento das capacidades de leitura e de produção de textos ocorre durante todo o processo de escolarização, mas deve ser iniciado logo no início da Educação Básica, garantindo acesso precoce a gêneros discursivos de circulação social e a situações de interação em que as crianças se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias. (BRASIL, 2012, s.p.).

A formação, no ano de 2013, trouxe seu primeiro enfoque para o Ensino de Língua Portuguesa, sob esse viés, com base no princípio citado acima. Na convicção de que a leitura torna o sujeito mais crítico para atuar na sociedade resolvemos refletir sobre a formação do professor (não) leitor e, de forma urgente pensar nessa formação, uma vez que é preciso desenvolver em nossos educandos “o gosto pela leitura, a fim de que possamos formar um leitor pra toda a vida” (VILLARDI, 1997, p. 11). Portanto, conforme defende a autora e que quanto mais cedo iniciarmos essas atividades, ainda no início da alfabetização, maiores serão as chances de formar leitores e desmitificar a ideia de esses sujeitos em fase de escolarização veem a leitura como hábito e não como gosto.

Ainda segundo Villardi (1997, p. 6), “A literatura [...] fomenta no leitor a curiosidade e o interesse pela descoberta, permite que ele vivencie situações pelas quais jamais passou, alargando seus horizontes e tornando-o mais capaz de enfrentar situações novas”. Nesse sentido, acreditamos que a atividade de leitura quando direcionada de forma correta atente a diversos objetivos, dentre eles, a de formar um sujeito mais crítico e consciente, capaz e enfrentar diversas situações cotidianas que envolvem a leitura, como também a produção de textos escritos e relatos orais.

Assim, em consonância com o enunciado acima, o objetivo desse trabalho é discutir, de forma breve, sobre a formação do professor (não) leitor, quais as implicações dessa formação para a sua prática docente. Esse estudo parte em direção a linha de pesquisa “Ensino de Línguas” do Mestrado Acadêmico em Ensino, com essa discussão pretendemos ter uma compreensão mais pontual sobre a formação do professor (não) leitor na rede básica de ensino sob o viés do PNAIC.

Considerando que os professores dos anos iniciais, têm a incumbência de formar os primeiros hábitos de leitura em seus alunos, é relevante entender não apenas as contribuições (discussão teórica, orientações para o trabalho com o texto literário e disponibilidade de materiais para montar o cantinho da leitura nas salas de aula) de formações como a do PNAIC que visa regularizar essa entrada de alunos, de acordo com sua faixa etária adequada e alfabetizá-las até aos oito anos de idade, sendo necessário, para tanto, capacitar o professor para atingir esse objetivo, tornando-se essencial compreender a formação leitora dos profissionais de educação, bem como a história de leitura desse profissional e como esse atribui sentidos ao PNAIC e às suas experiências e práticas de leitura em contextos escolares e não escolares.

A formação do professor (não) leitor e sua prática docente

Conceituar a leitura é tarefa bastante complexa já que esse pode ser um simples ato de decodificação do código escrito ou pode envolver a atribuição de sentidos a signos, gestos, etc. (cf. CAMARGO, 2006). Ademais, com o avanço avassalador das novas tecnologias da comunicação, a leitura se constitui em um processo ainda mais complexo, haja vista o surgimento de novos contextos, suportes e formas da comunicação humana.

Assim, o professor precisa estar atento e, principalmente, precisa estar atualizado sobre esses novos formatos de leitura que envolve desde os livros impressos, tradicionais, aos e-books, hipertextos, dentre outros. Além disso, os inúmeros estudos sobre a prática leitora na atualidade, tais como Oliveira e Sampaio (2010) e Amorin (2009), dentre outros, têm mostrado que a leitura tem se constituído em uma prática enfadonha, cansativa e sem sentido no contexto escolar. Esses estudos mostram ainda que essa prática perpassa, em muitos casos, pela atuação desmotivadora dos professores, os quais demonstram da mesma forma de seus alunos, o não prazer em ler.

Levando em consideração esse aspecto é importante refletir sobre sua profissão, qual aspecto que o leva a desmotivação de uma prática tão importante para a formação do sujeito que é a formação leitora. É preciso que o professor possa “[...] aprender a trabalhar, ou seja, dominar progressivamente os saberes necessários à realização do trabalho” (TARDIF, p. 57, 2008). Assim, o professor necessita construir conhecimentos pra si mediante sua prática.

Com relação a incentivar o gosto pela leitura ele precisa, antes de tudo, também ser um leitor que lê por prazer. Essa é uma questão que parece que vem sendo ignorada pelos cursos de

formação, uma vez que deixa de lado, algo que parece primordial, que é a preocupação na formação do “professor leitor” que irá atuar em salas de aulas das Séries Iniciais com o intuito de formar leitores nesse processo inicial de escolarização.

É importante frisar que a formação do profissional de educação deve ser um processo constante de reflexão crítica voltada para a sua prática em sala de aula, conforme afirma Freire (2009, p. 39) que “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”, pois é ela que permitirá ampliar os horizontes do saber fazer.

Outro elemento importante é desmistificar o fato de que é de responsabilidade unicamente do professor de Língua Portuguesa a formação de leitores proficientes e do prazer de ler. A leitura é, em nosso entendimento, uma atividade transdisciplinar e interdisciplinar, e, principalmente, uma prática social e, por isso, precisa da atenção de toda a escola.

Entendemos que o ensino da leitura precisa ser compreendido para além do processo de decodificação de signos linguísticos, como um processo de (re) construção de significados que não se encontra unicamente na estrutura superficial do texto, mas emerge dos conhecimentos de mundo do leitor. Este, por sua vez, não é um sujeito passivo diante do texto, mas atua ativamente na (re) construção dos significados textuais.

Adotamos, portanto, a concepção de leitura, como “um processo de compreensão abrangente” (MARTINS, 2007, p. 31), em que ela perpassa as linhas da decodificação dos signos, passando para níveis maiores de compreensão do texto, a partir da interação entre autor/texto/leitor, pois quanto maior for o repertório de leituras sobre um determinado assunto, maiores são as chances de compreensão e produção de sentido do texto.

Contudo, observamos que essa concepção não tem sido adotada por muitos professores, fato que nos remete à formação desses enquanto (não) leitores. Para formar leitores, os professores precisam ler além do código, precisam atribuir sentidos e permitir que seus alunos também o façam. Nesse sentido, é que nos debruçamos sobre as memórias de leituras desses sujeitos já que elas poderão nos permitir entender o processo de formação leitora desses professores e, conseqüentemente, como isso pode implicar em sua prática pedagógica.

Considerada a importância dada a leitura, torna-se de extrema importância direcionar o olhar para aqueles que são responsáveis pela formação inicial dos leitores em processo de aquisição da prática de leitura, uma vez que segundo Maia (2007, p. 52) “[...] quanto mais cedo for iniciado o processo de formação do leitor, maior a possibilidade de sucesso”. Isso acontece

porque, na fase inicial, a criança está descobrindo a vida a partir de suas experiências; explorando o mundo de forma fascinante através dos sons e das ideias; ouvindo as cantigas de ninar cantadas pelos pais para ela dormir; passando por evoluções tais como pronunciar suas primeiras palavras para em seguida ser introduzido no mundo da leitura oral, visto que “[...] a literatura chega à criança, principalmente, pela oralidade” (AMARILHA, 1997, p. 20), para e depois introduzir-se no mundo da escrita.

Com isso, concordamos com a autora acima citada que a formação do leitor deve ser iniciada desde cedo, e, por isso, é preciso que os cursos de formação dos profissionais da educação, deem aos seus alunos os suportes teórico-metodológicos necessários para o desenvolvimento do gosto e não do hábito de ler. Porém, acima de tudo, é necessário que o professor tenha uma história com a leitura, tenha experiências relevantes com essa prática para que possa, do mesmo modo, repassar essas experiências aos seus alunos.

As experiências escolares, são importantes na construção do profissional leitor, (cf. TARDIF, 2008). Assim, o professor deve desenvolver a cultura de leitura em sua sala de aula, que ele seja um leitor e desempenhe um papel essencial de mediador de leitura junto a seus alunos, visto que é ele que irá acompanhar a formação do aluno leitor a partir dos anos iniciais da escolarização dos seus educandos.

É imprescindível, ainda, que o professor proporcione aos educandos uma maior familiarização com os materiais de leitura, maior intimidade com os textos que conseqüentemente provocam o prazer pela leitura, considerando-a algo agradável e divertido, usado também para ser seu entretenimento e descontração.

Levando em consideração esses aspectos, podemos afirmar que:

[...]. O professor não é somente um sujeito ‘epistêmico’ que se coloca diante do mundo numa relação estrita de conhecimento, que ‘processa’ informações extraídas do ‘objeto’ (um contexto, uma situação, etc.) através de seu sistema cognitivo, indo buscar em sua memória, por exemplo, esquemas, procedimentos, representações a partir dos quais organiza as novas informações (TARDIF, p. 103, 2008).

Nesse sentido, essas discussões nos possibilitaram algumas reflexões sobre a formação e atuação do professor (não) leitor da Educação Básica e a construção de sua identidade, bem como a forma como ele constrói os saberes que darão suporte a sua prática, é importante ainda refletir sobre as suas memórias de leituras passadas, sobretudo a dos tempos escolares e

também suas experiências atuais, elas podem dar importantes contribuições para uma melhor compreensão de sua identidade profissional e sua prática pedagógica que, ao nosso entendimento o sucesso ou não da prática docente tem uma influência muito grande com a capacidade leitora tanto do aluno quanto do professor, e este, como agente mediador dos saberes necessários a formação do educando deve priorizar a formação leitora como via de acesso a todas outras informações e saberes.

3. Tecendo algumas palavras nada finais

Nossas discussões partem da lacuna que diz respeito a (não) constituição do professor enquanto leitor, essa temática perpassa pela formação do professor durante todo o seu percurso de vida, a sua história de vida e relação com a leitura e a influência da mesma na sua prática docente. Sob esse viés, é que nosso olhar foi lançado para os professores, uma vez que a formação do leitor deve ser iniciada desde muito cedo, sendo esse período extremamente oportuno para iniciar a formação do leitor, para isso consideramos o professor como mediador de leitura e, para bem exercer essa mediação necessariamente deve ser leitor.

O conceito de leitura adotado neste trabalho é aquele que compreendida a atividade de ler, não apenas como simples decodificação da palavra. Sua compreensão ultrapassa a leitura de livros, indo mais além. Logo entendemos a leitura “como processo de compreensão abrangente” (MARTINS, 2007, p. 31) em que os sujeitos conseguem compreender o mundo em sua volta. A partir desse embasamento é que construímos a análise desse trabalho.

Ficou evidente que nos últimos anos, tem sido implantado Políticas Públicas no Brasil em ações que possibilitaram o acesso ao livro, mesmo assim, não houve uma expressiva evolução na constituição de leitores nas regiões mais carentes do nosso país, conforme resultados da pesquisa Retratos da leitura no Brasil (2009). Isso nos revela que, é preciso ser percorrido um longo caminho, até serem atingidos os maiores níveis de leitura que possibilite a formação de um indivíduo crítico, capaz de exercer a sua plena cidadania.

Nesse sentido, esse trabalho nos faz refletir sobre a importância da formação do professor leitor, uma vez que ele precisa estar preparado para realizar tal tarefa, necessita, sobretudo, de ser um leitor que goste e leia por prazer. Entretanto, é importante destacar que a formação do leitor é algo que perpassa toda a vida e que experiências positivas em espaços

escolares e não escolares contribuem de forma bastante significativa para a formação desse sujeito.

É importante, ainda, que os setores públicos deem a sua contribuição na formação de leitores, não deixando essa tarefa somente a cargo da escola, e falando nessa é importante destacar que o trabalho de formação do leitor deve envolver toda a escola e não somente o professor, é preciso que se crie e cultive uma cultura de leitura.

A partir dessas reflexões teóricas que não se encerram por aqui, esperamos, portanto ter contribuído nos estudos que tratam da formação do leitor, que a pesquisa que traremos dos resultados dessa problemática possibilitem discussões, promova debates, deem direcionamentos a Políticas Públicas e que sejam instigados novos estudos sobre o tema em todo o país.

REFERÊNCIAS

- AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas?** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- AMORIM, Galeno. (coord.). **Retratos da leitura no Brasil.** Brasília: Instituto Pró-Livro, 2009.
- BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- BRASIL. **Secretaria de Educação Básica.** Pacto nacional pela alfabetização na idade certa. Ministério da Educação. Brasília: MEC/SEB, 2012.
- CARMAGO, Raquel Pereira de. **Presenças e Ausências da Leitura em um Curso de Pedagogia.** Londrina, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina/Paraná.
- FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro Franco. **Pedagogia e Prática Docente.** São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Docência em Formação. Saberes Pedagógicos).
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 49 ed. São Paulo, Cortez, 2009.
- MAIA, J. **Literatura na formação de leitores e professores.** São Paulo: Paulinas, 2007.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura.** 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- OLIVEIRA, K. M. A de; SAMPAIO, M. L. P. Textos e contextos na qualificação de leitores. Caxias do Sul: **Anais do V SIGET**, 2009.

SAMPAIO, M. L. P. (Coord.) **Memórias de leitura de pós-graduandos:** textos e contextos na constituição de leitores. Projeto de pesquisa. Pau dos Ferros: UERN, 2008. [Projeto aprovado pelo Comitê de Bolsas do CNPq/UERN].

_____. **Como (não) me constituí leitor:** análise de eventos/práticas de leitura e das condições de sua produção. Projeto de pesquisa. Pau dos Ferros: UERN, 2009. [Projeto aprovado pelo Comitê de Bolsas do CNPq/UERN].

_____. OLIVEIRA, K. M. A. de. **Textos e contextos na formação de leitores:** um estudo das condições de produção da leitura em diferentes grupos sociais. Relatório final de pesquisa. Pau dos Ferros: UERN, 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 9 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

VILLARD, Raquel. Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira. 3 ed. Rio de Janeiro/RJ: Qualitymark/Dunga Ed., 1999.